

## **ATÉ QUANDO ESPERAR: DESLIZAMENTOS DE SENTIDOS ENTRE O RELIGIOSO E O DISCURSO CAPITALISTA**

Felipe Souza Ferraz<sup>1</sup>  
Silvia Regina Nunes<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Durante os anos 1960 e 1970, a MPB desempenhou um importante papel de crítica ao regime que vigorava no país, mas foi na década de 1980 que o Punk Rock brasileiro acrescenta uma nova nota no acorde da insatisfação política (e social). São nessas condições que nasce em Brasília a Plebe Rude, uma das bandas Punk que surgiu no contexto de transição política pela qual passava o país. Desta forma, nosso material de análise é constituído pela letra *Até quando esperar* do álbum “O concreto já rachou” (1985) da banda em questão.

Nos inscrevemos a partir da Análise de Discurso de linha materialista, ancorada nos estudos de Michel Pêcheux. Esse campo de conhecimento considera o discurso enquanto efeito de sentidos entre locutores e compreende a língua em relação com a exterioridade (ORLANDI, 1999). A língua não é vista de forma fechada em si mesma, pois seus sentidos dependem das relações com a história, sendo que todo dizer se filia a uma memória discursiva que pressupõe um já-dito que serve de sustentação para o dizer. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, sendo que no efeito da interpretação o sentido aparece como único. Assim, “o analista, que tem como objetivo compreender o dizer [...], sabe que o sentido pode ser outro, ou é como é por certas determinações históricas que é preciso conhecer” (ORLANDI, 2012, p. 150).

---

<sup>1</sup> Mestrando do programa de Pós-Graduação em Linguística – UNEMAT. Bolsista Capes. Email: felipesouzaferraz@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística/Análise de Discurso pela UNICAMP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística UNEMAT vinculada à linha de pesquisa: Estudos de Processos Discursivos. Email: silvianunes@unemat.br.

Sobre a metáfora, Pêcheux (1997), ao teorizar sobre o funcionamento do sentido, diz que a metáfora é “a tomada de uma palavra por outra, ou seja, transferência, o modo como as palavras significam”. Estabelece, a partir dessa noção, “que não há sentido sem metáfora”, ou seja, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (ORLANDI, 1999).

A música que analisamos é *Até quando esperar* da banda Plebe Rude, do álbum “O concreto já rachou” de 1985. Mostramos o funcionamento do discurso religioso a partir da ancoragem em enunciados tais como: “Não é nossa *culpa*, nascemos já com uma *benção*”; “E cadê a esmola que nós damos sem perceber, que aquele *abençoado* poderia ter sido você”; “Até quando esperar a plebe *ajoelhar* esperando a ajuda do *divino Deus*”. Buscamos compreender como a música produz efeitos de crítica pelo deslizamento do religioso na relação com o discurso do capitalismo e como o religioso metaforiza (PÊCHEUX, 2014) essa passagem.

A relação entre o discurso religioso e o do capitalismo é mostrada nos apontamentos de Althusser (1996) sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), uma vez que o autor inclui o AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas) na relação com os demais. Sobre esta discussão, o autor aponta a seguinte definição: “todos Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam quais forem, contribuem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações capitalistas de exploração” (ALTHUSSER, 1996, p. 121). Ou seja, a partir desta perspectiva teórica podemos conceber o Capitalismo e a Religião imbricados no efeito de legitimação de uma classe dominante.

## **ANÁLISE**

A música inicia com o seguinte enunciado: *não é nossa culpa, nascemos já com uma benção*. A frase *nascemos já com uma benção* evoca em sua constituição discursiva a história, faz significar que antes do sujeito-autor algo já significava. Temos então o enunciado posterior: “mas isso não é desculpa pela má distribuição”. Aqui não está dito mas está significando a palavra *renda*, a partir da memória da

expressão *distribuição de renda*. Pois, como destaca Orlandi (2012, p. 67): “Para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha”. A entrada da história neste caso faz significar a pré-existência da má distribuição de renda no Brasil.

O religioso entra nesta discursividade a partir de uma relação com a Teologia da Libertação, como nos mostra Orlandi (2012, p. 108). Para a autora, neste caso, “o pobre não é somente visto no presente, mas ele o é também em um processo de opressão”. Tal fator se torna mais consistente se percebermos os sentidos possíveis do refrão da música: *até quando esperar, a plebe ajoelhar, esperando a ajuda do divino Deus*. O verbo “esperar” e seu gerúndio “esperando” fazem funcionar novamente a história. A plebe seria uma classe historicamente subjugada, sobretudo se pensarmos desde a Roma antiga na relação antagônica entre plebeus e patrícios. A categoria de plebeu e de pobre fariam parte, desta forma, do processo de opressão citado por Orlandi.

Além disso, as palavras *culpa* e *benção* trazem uma memória do religioso. No entanto, a segunda nos possibilita perceber um deslizamento de sentidos entre o discurso religioso e o discurso político, ou mais precisamente o capitalista, sobretudo se pensarmos a questão da má distribuição de renda, citada acima. Portanto, a música faz funcionar efeitos de crítica a partir deste movimento de sentidos.

O problema da distribuição das riquezas no Brasil é algo presente em sua história, inclusive na ditadura civil-militar. O resultado permanece em funcionamento após 1985, como bem salienta Silva (2000, p. 444): “Teríamos que entender, então, que a crise que vivemos é bem mais uma crise da repartição das riquezas e dos bens do que uma crise do emprego”. No entanto, é importante buscarmos até mesmo antes do período autoritário uma sustentação histórica para a música em questão.

Silva (Idem) nos mostra que o problema da concentração de terra, e a conseqüente crise de abastecimento já despertava um mal-estar social. E após 1964 o capitalismo brasileiro descobre a terra como “reserva de valor para seus capitais” (p. 361), a reforma agrária torna-se cada vez mais distante. Somado a esses elementos o autor ainda acrescenta:

A economia brasileira entrara em um longo ciclo depressivo, desde 1962, agravado por uma inflação crescente, que paralisava as obras consideradas básicas pelo governo, visando a uma melhor distribuição de renda, e causava forte pressão sobre os salários, originando um clima de enfrentamento entre patrões e empregados, que vinha se somar à crise política mais geral (SILVA, 2000, p.363)

Vemos aqui novamente a questão da distribuição de renda, que somada ao fato do lançamento da música se dar em 1985, a qual cita essa questão, juntamente com o levantamento desta problemática feita por Francisco Carlos Teixeira da Silva por volta de 1990, na obra citada acima.

Ainda a esse respeito, Bauer (2012), analisando a formação social brasileira e a composição do Estado autoritário no país, apresenta essa especificidade histórica em que as relações capitalistas ocorrem através de uma estrutura de classes constituídas pela burguesia e o proletariado, ao lado dos latifundiários rentistas. Desta forma, o autor apresenta também uma leitura dos elementos que impulsionam a concentração e a má distribuição de renda.

A fração superior da burguesia é composta pela chamada oligarquia financeira, cujas camadas são, além da burguesia imperialista, a oligarquia financeira interior e a burguesia gerencial de Estado. Este grupo restrito controla os monopólios e oligopólios, tanto privados quanto estatais, e estende seus tentáculos a unidades empresariais de pequeno e médio porte (BAUER, 2012, p. 75).

A partir dessa breve discussão podemos obter uma interpretação do que seria a 'benção' citada na música. Tomamos a interpretação na perspectiva de Orlandi (2012), que não é trabalhada como codificação, além de não ser isenta de determinações. Para a autora "a interpretação se faz, assim, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso)" (p. 68). Nesta perspectiva o sujeito-autor destaca a expressão *nascemos já com uma benção*, onde a história significa através da formação social brasileira e a distribuição de renda no país nas condições de produção de desenvolvimento da ditadura militar e suas pré-condições.

Outra expressão da música que tomamos como material de análise é: *E cadê a esmola que nós damos sem perceber que aquele abençoado poderia ter sido você*. A palavra *abençoado* também faz funcionar a memória do religioso e desliza para outros sentidos. Percebemos que tanto no primeiro caso que analisamos como

nesse os sentidos da palavra benção funcionam de forma distinta de uma formação discursiva religiosa. Se na frase anterior a benção seria uma carga histórica que a geração em questão herdou do passado, nesse caso a palavra *abençoado* produz sentidos de ironia pelo fato de que na memória do religioso o abençoado é aquele que recebe as graças divinas, ou seja, possui uma conotação positiva. Mas nesse caso, o abençoado é o sujeito que recebe as esmolas, que se encontra geralmente em situação precária tanto econômica como socialmente.

Há ainda a suposição de inversão de lugar social, onde quem dá a esmola poderia estar no lugar de quem a recebe, demonstrando as incertezas da concorrência do sistema capitalista, bem como a desigualdade social, uma de suas características fundamentais. Este momento da música produz também efeitos de crítica a partir do deslizamento do religioso para o político. O trecho ‘que nós damos sem perceber’, nos possibilita uma leitura das ações ‘automáticas’ e possivelmente conformadas em relação às regularidades do capitalismo (exploração da força de trabalho, desigualdade social, acumulação de capital, etc), onde ocorrem efeitos de naturalização das relações sociais. A prática de dar esmolas seria, então, tão comum que foi de certa forma naturalizada, assim como se naturaliza também a desigualdade social e a própria existência do capitalismo (um sistema historicamente constituído).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os delineamentos teóricos apontados acima sustentam a análise da letra “Até quando esperar”, de forma a compreendermos o modo de funcionamento do discurso religioso que desliza metaforicamente em relação à crítica ao capitalismo. A Análise de Discurso de linha materialista nos permite fazer uma leitura crítica para além das evidências que circulam como já dadas, nos colocando a possibilidade de historicizar os elementos linguísticos, mostrando sua discursividade.

A historicização é de extrema importância para este trabalho pelo fato de que discutimos a partir de enunciados que nos remetem a uma memória de práticas religiosas que se instauram em formações discursivas historicamente determinadas. Sendo que, nessas condições de produção, as relações entre Estado e Religião se

dão de forma peculiar, marcadas pelas relações de força e sentidos estabelecidas socialmente.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, Slavoj (Org). *Um Mapa da Ideologia*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p.105-140.

BAUER, Carlos. *A natureza autoritária do Estado no Brasil contemporâneo*. Elementos de história e questionamentos políticos. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2012.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e Interdiscurso. In ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Michel Pêcheux textos selecionados*. Tradução de Eni P. Orlandi, Campinas – SP: Pontes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Brasil, em direção ao século XXI*. In: LINHARES, Maria Yedda (Org). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000. Acesso em <http://letras.mus.br/plebe-rude/48161/> às 20:10 do dia 21/09/15.